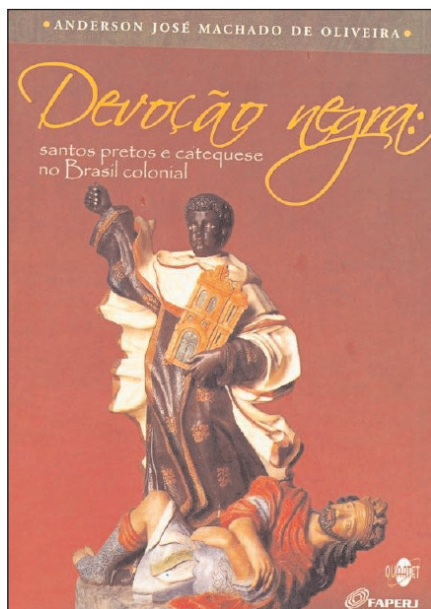


DEVOÇÃO NEGRA

Carlos Roberto de Carvalho¹



OLIVEIRA, Anderson José Machado de: *Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

Ler um livro para depois resenhá-lo pode ser uma tarefa burocrática. E ainda pode ser tarefa por demais aborrecida se, com ele, não pudermos fabricar nossos pensamentos. Sou, nesse sentido, um utilitarista, gosto de ler as obras ao sabor de minhas intenções e soberanias legítimas de leitor. Gosto de fabricar com. Portanto, não esperem retrato fidedigno da obra em questão que, desde já, mais que aconselhar a sua leitura gostaria de formalizar um imperativo convite. Leiam-na!

Caso não houvesse outros motivos, o que vos apresento penso que bastaria. O fato é que vivemos em um tempo de ressurgimento da intolerância religiosa, se é que em relação às religiões afro-brasileiras houve um dia isso a que chamamos de tolerância. Como no ontem da colonização, ainda hoje elas

são demonizadas e desrespeitadas por outras denominações religiões que se arrogam no ilegítimo direito de serem as únicas depositárias das palavras divinas, como se o Deus mais verdadeiro fosse só deles. Como não ver nisto uma forma de arraigado racismo eivado de preconceitos e ignorâncias que precisam ser combatidos de todas as formas e principalmente pela leitura de bons livros a respeito do assunto, como é o caso deste?

Neste caso específico, ele nos será de grande utilidade para percebemos como homens e mulheres negros escravizados, massacrados física e espiritualmente conseguiram no terreno do opressor colocar as marcas de sua diferença, de suas culturas oprimidas e reprimidas, transformando, assim, as práticas de seus senhores em práticas suas. Fatos que nos confirmam que a civilização ocorre sempre em mão dupla e sempre de forma negociada, de lá pra cá e de cá pra lá.

Nesse sentido duplo e variegado não é obra que possa interessar apenas àqueles e àquelas que se preocupam com religião e/ou a religiosidade, mas a todas as pessoas que se preocupam com a cultura, com encontros e com confrontos culturais entre povos e nações tão diversos. Encontros que acabaram por criar formas híbridas e sincréticas de convívio social, em que o mesmo, não é mais exatamente o mesmo. A cópia perde-se do original.

Embora as hibridações tenham ocorrido em vários setores de nossa cultura como, por exemplo, na música, na culinária e nas artes em geral, é na religião que estas questões se mostram mais candentes e mais conflituosas, se constituindo assim em um rico exemplo para quem deseja compreender as complexidades das sociedades coloniais/pós-coloniais.

¹ Instituto Multidisciplinar, UFRJ (Campus Nova Iguaçu).

Conflitos que ainda não foram de todo solucionados, mas que hoje estão sendo negociados. Dessa luta simbólica em que se disputa a existência ou não de um Deus, ou de uma religião mais verdadeira não se pode dizer que alguém já tenha vencido ainda.

Sem poder impor a sua verdade, sem poder prestar culto aos seus deuses, os negros negociaram, aceitaram, cultuaram os Deus dos brancos. Mas, como nos lembraria Certeau, tal dominação nunca é absoluta e total.

Ao “adotar” o credo dos seus dominadores, os negros acabaram por alterar os cânones do catolicismo sisudo tornando-o mais festivo, colorindo de festas, santos, ladainhas e promessas. Ou seja: a adesão à religião oficial de forma alguma significou o abandono de seus deuses e de suas crenças ancestrais. Ao contrário, foi o catolicismo que, para continuar existindo, teve que render às práticas dos novos batizados, tornando-se uma religião mais popular, menos patriarcal e senhorial.

Sem dúvida, ao “aceitar” o catolicismo, os negros não apenas o hibridizaram, mas o alteraram substancialmente em seus valores. Ao invés do culto a um Deus, masculino, poderoso e, por vezes, desumano; preferiram Maria, deusa, mãe e rainha.

Foi em torno ao culto mariano que fundaram suas confrarias e que lutaram por sua liberdade. Como não ver aí uma astúcia, uma forma de dizer sim e não ao opressor e mais ainda como não ver aí as marcas de uma nova humanidade: ao invés de um Deus poderoso impiedoso e eternamente crucificado, os negros escolheram a melhor parte: uma Deusa mulher, Mãe e de coração. Uma divindade à qual recorriam para pedir socorro e remédios para seus padecimentos.

Como não ver aí as táticas e as astúcias dos escravos oprimidos que, impedidos de expressar suas religiões e obrigados a seguir ao Deus estrangeiro, não o negam nem o confirmam, mas o rasuram em sua masculinidade.

Nessa fissura, não adoram nem a um, nem a outro, mas muitos. Adoram a Mãe Maria e seus Santos e anjos como se deuses fossem, desta feita mais humanos, mais terrenos e cúmplices de seus sofrimentos. Deuses intercessores: S. Benedito, Santa Ifigênia, Santo Antônio, São Jorge e muitos outros. Na verdade, Orixás transvertidos de santos católicos.

É dever desse resenhista heterodoxo, confessar que, talvez, não seja bem isso que os leitores e as leitoras encontrarão nessa obra, mas foi isso que ela me provocou e me levou pensar e escrever a respeito dela. Que façam pois o mesmo todos aqueles e aquelas que, porventura, vierem a lê-la. Que tirem por vós mesmos as vossas conclusões. Lembrando sempre que, a cada leitor ou leitora deve-se conceder o inalienável direito de uma leitura, para que esta não seja a única, mas apenas, mais uma. Um bom livro não é aquele que consegue dizer a mesma coisa a todos os leitores indistintamente, um bom livro será aquele que conseguir estabelecer polêmicas, polifonias e polissemias.